

# DISCUSSÃO: COMO RETIRAR SUBSÍDIOS.

**Os agricultores acham que é preciso cuidado, pois isso pode inviabilizar a produção.**

Diversos representantes do setor agrícola comentaram ontem a possível retirada dos subsídios governamentais ao setor, alertando para a necessidade de que isso seja feito com muito cuidado. O presidente da Fecotriga — entidade que reúne 80 cooperativas gaúchas e 240 mil produtores —, Jarbas Pires Machado, por exemplo, disse que a medida, se adotada, elevará consideravelmente o preço dos alimentos e inviabilizará a colocação de toda a produção agrícola, com sérias consequências tanto para agricultores como para consumidores.

A preocupação foi manifestada, inclusive, em telex enviado ao presidente da República, aos ministros da área econômica e direções do Senado e Câmara Federal. Na mensagem, a entidade avisa: "O produtor está apreensivo e desestimulado". Se as medidas se concretizarem, "o produtor, seguramente, vai enfrentar dificuldades muito grandes, principalmente os que não tiverem recursos próprios e precisarem sujeitar-se aos juros de mercado. Mas o problema maior é restringir-se muito o mercado interno ao se elevar bruscamente o preço dos alimentos". É um problema que, segundo Jarbas, acontecerá mesmo que o governo procure compensar a retirada dos subsídios com uma elevação real dos preços mínimos.

Comentando o corte de subsídios para o crédito agrícola, anunciado pelo governo federal, o secretário da Agricultura de São Paulo, José Gomes da Silva, afirmou ontem, em Ribeirão Preto, que essa política, aplicada gradualmente, faz parte da estratégia do governo de adaptar a agricultura a um tipo de economia de mercado. Mas, para isso — ressaltou —, é necessário também conceder, na mesma proporção, melhores condições de preço para os produtos agrícolas.

— O que nos preocupa — disse o secretário — é que, simultaneamente à retirada de certos subsídios, não está havendo a corres-

pondente ação para o outro lado do mecanismo, de proteção aos preços. Essa concessão tem de ser feita via preços. Enquanto a política de corte de subsídios tem sido aplicada de maneira ágil, a correção dos preços é lenta, provocando um descompasso.

— À medida que o crédito rural apresenta taxa de juros que se aproximam das do mercado, deveria haver liberação progressiva dos mecanismos de preço — acrescentou José Gomes da Silva.

## Política austera

O presidente da Associação Nacional dos Bancos de Investimentos (Anbid), Ary Waddington, afirmou ontem, no Rio, que só através de uma política monetária austera o governo terá condições de recolocar a economia do País em níveis confiáveis, "pois, se considerarmos os resultados dos primeiros quatro meses do ano, convivemos com uma inflação anual projetada em 175%, sem que tenhamos progresso expressivo em termos de desemprego".

Acrescentou que as propostas defendidas pelo presidente do Banco Central, Carlos Langoni, de reduzir subsídios e controlar gastos das estatais são um grande passo no sentido de recuperar a economia brasileira. "Só espero que as preocupações de Langoni sejam compartilhadas pelo resto do governo", afirmou o presidente da Anbid.

Para Ary Waddington, o próprio governo criou um círculo vicioso na medida em que tenta controlar inflação através de uma política irrealista de preços e tarifas. Na sua opinião, a inflação atual seria bem maior se a política de preços para derivados de petróleo ou de tarifas elétricas, por exemplo, fosse mais realista.

Com base nesses argumentos, o presidente da Anbid afirmou que, "por não querer mostrar qual o verdadeiro nível da inflação, o governo, através da ampla utilização de subsídios, acaba provocando o

agravamento do processo inflacionário".

## Paradoxo

Segundo acrescentou, da forma como está sendo conduzida a economia do País, tem-se uma sensação falsa de controle e isso fica mais claro quando, "num momento em que paradoxalmente se pratica uma política supostamente austera, os fluxos monetários apresentam os maiores crescimentos dos últimos 20 anos e a inflação atinge níveis ainda não experimentados no Brasil".

Como solução, Waddington sugeriu que o governo libere os preços sob sua administração, elevando a inflação para o seu nível real e, a partir daí, passe a exercer rígida política monetária. "Garanto que as autoridades, ao acabarem com a conta de movimentos do Banco do Brasil, teriam condições para avaliar o grau de competência das empresas estatais, pois não contariam mais com subsídios para compensar diferenças de seus preços ou tarifas", afirmou o presidente da Anbid.

## Novo modelo

Na reunião de ontem do Conselho da Fecotriga, representantes de cooperativas de todo o Rio Grande do Sul analisaram propostas para a definição de um novo modelo agrícola para o Rio Grande do Sul, que leve em conta a necessidade de reduzir a dependência da soja, evoluindo-se possivelmente para uma área maior com milho, que seria destinado à criação de suínos, aves e substituição de parte do trigo na farinha, "pois o País não pode — disse Jarbas — continuar gastando mais de 1 bilhão de dólares todos os anos para importar o trigo que não se tem produzido internamente". A primeira iniciativa deveria ser, em sua opinião, a retirada integral dos subsídios concedidos à farinha de trigo. Jarbas Pires Machado anunciou ontem que a Fecotriga deverá mobilizar-se para que "alguma decisão política seja adotada".